



Por outras epistemologias

Educação, comunicação e cultura: resistências para o combate ao racismo¹

Adelaide Chao²

Daniela Nunes Araujo³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Resumo

O artigo investiga a relação entre educação hegemônica e educação emancipatória, analisando como a colonialidade do saber estrutura o ensino acadêmico e como a comunicação comunitária pode atuar como ferramenta de resistência. Partindo da crítica ao modelo educacional vigente, que reproduz exclusões e invisibiliza saberes não hegemônicos, o estudo adota uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, dialogando com autores como Paulo Freire, bell hooks e Muniz Sodré. Além da revisão bibliográfica, são exploradas reflexões sobre experiências acadêmicas no Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais (GEMS), compreendido como um espaço de aquilombamento intelectual e produção coletiva de conhecimento. Os resultados destacam a urgência de um ensino que valorize a diversidade epistêmica, amplifique vozes historicamente silenciadas e promova um ambiente universitário democrático e inclusivo.

Palavras-chave: comunicação comunitária, aquilombamento intelectual; racismo epistêmico; colonialidade do saber; educação emancipatória

Introdução

Nosso encontro se deu no Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais (GEMS), divisor de águas em nossos percursos formativos. A ausência de intelectuais negros no currículo acadêmico e a invisibilização de epistemologias de matriz africana sempre nos inquietaram, mas foi no GEMS que encontramos um espaço para debater essas questões de forma coletiva e aprofundada. O grupo ampliou nossos referenciais teóricos e nos permitiu ressignificar nossas pesquisas, conectando-as a uma perspectiva crítica e emancipatória. Os debates com obras de Cida Bento, Sueli Carneiro, Muniz

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Adelaide Chao é comunicóloga e psicopedagoga, professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro no Departamento de Turismo, doutora e mestre em Comunicação (UERJ), Bolsista do Programa PDJ Faperj Nota Dez e pesquisadora do GEMS. Contato: adelaide.chao@uerj.br

³ Daniela Araujo é jornalista, doutoranda na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ) e pesquisadora do GEMS. Contato: danyela.araujo@gmail.com



Sodré, Achille Mbembe e bell hooks fortaleceram nosso embasamento teórico e nos incentivaram a trazer essas discussões para sala de aula, tensionando discursos hegemônicos e contribuindo para a ampliação do repertório de estudantes e colegas.

Este artigo reflete sobre a relação entre educação hegemônica e educação emancipatória, analisando como a colonialidade do saber estrutura o ensino acadêmico e como a comunicação popular pode atuar como ferramenta de resistência. Partimos da compreensão de que o modelo educacional vigente no Brasil reproduz exclusões, invisibilizando saberes não hegemônicos e naturalizando privilégios. Ancoramo-nos em uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, dialogando com autores críticos à hegemonia eurocentrada, como Paulo Freire e bell hooks. Além da revisão bibliográfica, trazemos reflexões baseadas em nossas experiências acadêmicas no GEMS, compreendido como prática de aquilombamento intelectual e de produção coletiva de conhecimento.

Ao longo do artigo, discutiremos as barreiras impostas pela educação tradicional, as potencialidades da comunicação comunitária na construção de uma educação emancipatória e caminhos possíveis para uma universidade mais democrática e plural. A partir da interseção entre nossas trajetórias, nossas pesquisas e as discussões desenvolvidas no GEMS, buscamos contribuir para o debate sobre a urgência de um ensino que valorize a diversidade epistêmica e amplifique vozes historicamente silenciadas.

Educação Hegemônica e Racismo Epistêmico

A estrutura educacional brasileira é marcada pela lógica da colonialidade do saber (Quijano, 1992; Mignolo, 2008), que impõe uma hierarquia de conhecimentos privilegiando epistemologias europeias e invisibilizando saberes de matriz africana, ameríndia e de outros povos historicamente marginalizados. Essa lógica está presente na organização curricular, na escolha de autores, no apagamento de marcos históricos e na sub-representação de sujeitos negros nos espaços de poder.

A colonialidade do saber se manifesta na imposição de uma epistemologia eurocentrada que define quais conhecimentos são legitimados e quais são desqualificados, subalternizando cosmologias não ocidentais. O sistema educacional brasileiro, desde a



educação básica até a universidade, reforça tal estrutura ao consolidar um currículo normativo, branco e excludente. Esse apagamento epistemológico não é acidental, mas estruturado como um dispositivo de racialidade, nos termos de Sueli Carneiro (2023), operando na exclusão de intelectuais negros, na desvalorização de metodologias não tradicionais e na escassa presença docente negra na academia. A presença de estudantes e pesquisadores negros nesses espaços representa, portanto, um ato de resistência em ambientes historicamente excludentes.

Como resposta, surgem espaços de resistência como o GEMS, que opera como um quilombo intelectual comprometido com a desconstrução da colonialidade do saber. O estudo de autoras e autores como Muniz Sodré (2014;2017;2023), bell hooks (2017), Lélia Gonzalez (2020) e Cida Bento (2022) tem nos permitido ampliar repertórios teóricos e repensar práticas pedagógicas dentro e fora da universidade. Inspiradas por Paulo Freire (1985) e bell hooks (2017), defendemos uma educação emancipatória que parta da experiência dos sujeitos, valorizando suas histórias, culturas e modos de saber.

O Papel da Comunicação na Educação

No âmbito educacional, a comunicação comunitária atua como ferramenta de visibilidade e valorização de epistemologias marginalizadas, promovendo uma formação mais inclusiva e democrática. Por outro lado, a mídia desempenha papel central na construção do imaginário social, muitas vezes reforçando estereótipos raciais e invisibilizando intelectuais negros. Como argumenta Muniz Sodré (2017), a mídia hegemônica atua como mecanismo de manutenção do status quo. Em contraponto à educação bancária descrita por Paulo Freire (1985), em que o estudante é tratado como recipiente vazio, a comunicação comunitária emerge como ferramenta de resistência e construção coletiva de conhecimento. Esse tipo de comunicação valoriza a experiência vivida e fortalece o protagonismo de sujeitos historicamente marginalizados, funcionando como espaço de contra-hegemonia na produção e circulação de saberes (Latgé; Araújo; Silva Jr., 2020).

Nossa experiência no GEMS reforça essa perspectiva: as rodas de leitura e os espaços de comunicação comunitária têm possibilitado a emergência de vozes dissidentes e a valorização de epistemologias plurais. A densidade reflexiva encontrada nas obras de Sueli Carneiro, Lélia



Gonzalez e Cida Bento nos fez compreender que a democratização da comunicação é essencial para a construção de uma educação verdadeiramente emancipatória.

Nos meios de comunicação, pessoas negras são representadas – ou omitidas –, um sintoma que reproduz uma “pedagogia da opressão”, termo que parte da reflexão de Paulo Freire (1985). Os veículos midiáticos, ao reforçarem um imaginário eurocêntrico, contribuem para a perpetuação de um modelo educacional excludente, no qual a população negra não se vê refletida de maneira positiva ou complexa. A ausência de referências negras na mídia e na academia conforma um sistema em que o conhecimento produzido por intelectuais negros é sistematicamente ignorado ou desqualificado, um processo descrito por bell hooks (2017) como a marginalização do saber.

Em 2024, ao discutirmos a obra *Como ser um educador antirracista* (Pinheiro, 2023), aprofundamos a reflexão sobre a interconexão entre comunicação e educação. A filosofia Ubuntu, abordada pela autora, enfatiza a interconexão entre os indivíduos e a coletividade, destacando que a identidade e a existência de uma pessoa estão diretamente ligadas às suas relações com os outros (Pinheiro, 2023, p. 92-94). Essa perspectiva rompe com a lógica individualista e eurocentrada, valorizando a noção de pertencimento e solidariedade como princípios fundamentais para a construção de uma sociedade antirracista no ambiente educacional.

A ideia é ressignificar as práticas pedagógicas, reforçando a importância de um ensino pautado na coletividade, no respeito mútuo e na valorização da diversidade. Um educador antirracista, segundo a autora, não apenas ensina conteúdos acadêmicos, mas também promove um ambiente de aprendizado onde cada estudante se reconhece como parte de uma comunidade e compreende que o conhecimento é construído coletivamente. A educação baseada no Ubuntu implica o reconhecimento das narrativas historicamente silenciadas, a troca de experiências em grupos marginalizados, promovendo uma pedagogia do acolhimento e da empatia. Assim, ao afirmar "eu sou porque nós somos", a filosofia Ubuntu nos lembra que nossa identidade está imbricada em redes de sociabilidade e que a luta por equidade na educação precisa ser um compromisso coletivo, onde cada sujeito tem um papel fundamental na desconstrução do racismo estrutural e na promoção da justiça social. Ao desafiar as estruturas dominantes e criar espaços de reconhecimento e pertencimento, a comunicação popular se configura como uma ferramenta essencial para a construção de um modelo educacional que valorize a diversidade epistemológica e amplifique



vozes historicamente silenciadas.

Experiências no GEMS e Caminhos para a Educação Emancipatória

Daniela Araujo

Minha trajetória é marcada por um percurso interdisciplinar com forte compromisso com a compreensão crítica da comunicação e suas implicações sociais. Desde a formação em Comunicação Popular pela ONG BemTV em 1999, percebi que a estrutura curricular universitária priorizava autores europeus, marginalizando saberes do Sul Global. No mestrado (FEBF/UERJ), essa ausência de referências negras se confirmou, tornando evidente a necessidade de espaços de produção de conhecimento antirracista. Foi nesse contexto que ao ingressar no doutorado em Comunicação e Cultura na ECO/UFRJ tive contato com o Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais (GEMS).

O GEMS nasceu do estranhamento pela ausência de autores negros na grade curricular da universidade, propondo um espaço de leitura, debate e produção de conhecimento a partir de intelectuais negros do Brasil e do exterior. Vinculado ao Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC), o grupo, sediado na Escola de Comunicação da UFRJ, no campus Praia Vermelha, zona sul do Rio de Janeiro, se consolidou como um núcleo de resistência acadêmica, articulando epistemologias afrocentradas e questionando as bases da educação hegemônica.

O encontro com o GEMS representou um ponto de inflexão na minha formação. Além de ampliar meus referenciais teóricos, o grupo me proporcionou um ambiente de trocas coletivas em que a comunicação comunitária e a luta antirracista são discutidas de forma concreta e aplicada. No espaço acadêmico, muitas vezes isolado e distante das realidades sociais que estudamos, encontrar um coletivo comprometido com a desconstrução do racismo epistêmico fortaleceu meu posicionamento como pesquisadora. Mais do que um espaço de leitura e discussão, o GEMS se tornou um território de aquilombamento, onde diferentes trajetórias acadêmicas se entrelaçam na construção de um saber que não se limita às fronteiras impostas pela academia eurocentrada.

A leitura de Muniz Sodré, especialmente *A Ciência do Comum* (2014), *Pensar*



Nagô (2017) e *O Fascismo da Cor* (2023), ampliou minha compreensão sobre ancestralidade, comunidade e as dinâmicas raciais na sociedade brasileira. Fanon (2020), Mbembe (2018), Sueli Carneiro (2023), Cida Bento (2022), Djamila Ribeiro (2017) e bell hooks (2017) contribuíram com ferramentas analíticas para entender os impactos estruturais do racismo, a manutenção dos privilégios e a importância de pedagogias libertadoras (e transgressoras). Aliar essas leituras à experiência coletiva no GEMS fortaleceu meu compromisso com uma educação e uma comunicação comprometidas com justiça social e racial.

Adelaide Chao

Minha trajetória acadêmica é atravessada pela investigação da Feira das Yabás, um evento de gastronomia e música popular brasileira, como espaço de comunicação comunitária no subúrbio de Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro. Entre 2013 e 2020, durante o mestrado e o doutorado em Comunicação (UERJ), aprofundi as relações entre comida, memória e território como tecnologias de resistência. Com base em autores como Muniz Sodré, Shirley Prado, Flávio Ferraz, Michel Maffesoli, Conceição Evaristo e tantos outros intelectuais e acadêmicos, compreendi a comida como dispositivo de comunicação, performance e memória ancestral. Desde sua criação em 2008, a Feira das Yabás permanece como um espaço de fortalecimento feminino e comunitário, onde mulheres negras constroem redes de sociabilidade, vínculos econômicos e cidadania a partir da cozinha como território simbólico. Retomar obras como *O Terreiro e a Cidade* (1988) e *Samba, o Dono do Corpo* (1998) foi essencial para compreender o subúrbio como território de resistência negra, onde performance, corpo e sagrado formam uma linguagem comunicacional própria. A escuta, a dança, a comida e a oralidade compõem esse repertório simbólico que nos convida a ressignificar o olhar sobre a cidade.

Nessa perspectiva, desenvolvi um curso livre e gratuito, intitulado “Aulão Preparatório para Mestrado e Doutorado”, aos participantes do GEMS que tinham interesse em ingressar nos programas de pós-graduação stricto sensu da UFRJ, instruindo-os para a elaboração de projetos de pesquisa apoiados teórica e empiricamente em epistemologias que valorizam saberes situados em experiências do cotidiano. Com aulas abertas, debates, leituras e produções compartilhadas entre professoras e estudantes, o curso propôs um letramento racial crítico para ampliar o acesso de pessoas negras e periféricas à pós-graduação, de modo acolhedor, horizontal e afetivo - uma proposta pedagógica que articula inclusão, aquilombamento e compromisso com a transformação



social.

Considerações

Ao longo deste artigo, argumentamos que a educação emancipatória e a comunicação popular constituem ferramentas essenciais para tensionar estruturas excludentes e construir alternativas mais democráticas e inclusivas. As experiências vivenciadas no GEMS evidenciam a importância de espaços acadêmicos que promovem a resistência epistêmica e o fortalecimento de epistemologias historicamente marginalizadas. O grupo de estudos se consolidou como um território de aquilombamento intelectual, onde refletimos criticamente sobre a colonialidade do saber, a partir de leituras e trocas que desafiaram as hierarquias do conhecimento.

Ao revisitar autoras e autores negros, nacionais e estrangeiros, ressignificamos nossas pesquisas individuais e ampliamos o campo da comunicação comunitária e da educação emancipatória como ferramentas de transformação social. Essa vivência reafirma o papel da coletividade acadêmica na produção de um conhecimento situado, voltado à valorização de vozes historicamente silenciadas.

Nesse contexto, reconhecemos que nossa trajetória no GEMS não apenas impactou profundamente nossa formação acadêmica, mas também indicou caminhos concretos de resistência e reestruturação da educação superior. O contato com intelectuais negros nos permitiu tensionar estruturas curriculares excludentes e reforçar a necessidade de integrar epistemologias afrocentradas e latino-americanas aos programas de ensino e pesquisa. A partir dessas vivências, fortalecemos a proposta de uma educação plural e democrática, convictas de que a universidade deve se comprometer com a inclusão de perspectivas não hegemônicas.

Ao final deste estudo, reiteramos a urgência de iniciativas que ampliem o acesso e garantam a permanência de estudantes negros e periféricos no meio acadêmico, consolidando a comunicação comunitária e o ensino crítico como elementos fundamentais para a construção de um ambiente verdadeiramente inclusivo e antirracista.

A intersecção entre trajetórias individuais e coletivas evidenciou que a formação crítica deve estar atrelada a práticas transformadoras, promovendo uma pedagogia engajada com a valorização da diversidade epistêmica. Para futuras reflexões, propomos as seguintes questões fundamentais:

1. Expansão das epistemologias marginalizadas na academia: como garantir que



intelectuais negros e suas produções sejam integrados de forma sistemática nos currículos acadêmicos?

2. Comunicação comunitária como estratégia de educação emancipatória: de que forma tais práticas podem ser institucionalizadas e incentivadas nas universidades?
3. Desafios da permanência de estudantes negros na educação superior: como as universidades podem estruturar políticas eficazes de permanência e inclusão?
4. Interseccionalidade e resistência: como integrar questões de gênero, classe e territorialidade nas discussões sobre educação e comunicação antirracista?

Com essas provocações, reafirmamos a importância de seguir tensionando os limites da academia, reivindicando espaços de produção de conhecimento que desafiem as lógicas hegemônicas e consolidem epistemologias plurais. Seguimos acreditando na urgência de uma educação comprometida com a transformação social, que reconheça e legitime saberes historicamente silenciados.

Notas

1. Esse artigo é uma versão parcial do capítulo original, apresentado no livro *GEMS na roda: aquilombamento por outras epistemologias* (Editora UFRJ, no prelo).
2. Além da revisão bibliográfica e das experiências acadêmicas relatadas, a redação deste artigo contou com a revisão linguística e sugestões de melhoria por meio da ferramenta de inteligência artificial ChatGPT (OpenAI), em 09/07/2025.
3. As pesquisadoras declaram ser responsáveis pela autoria deste artigo, incluindo comentários, depoimentos e reflexões críticas.

Referências

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras (E-book), 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivos de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 14ª ed. 1985.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e



diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Trad. Marcelo Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

LATGÉ, P. K.; ARAÚJO, D. N.; SILVA JÚNIOR, A. G. da. **Comunicação, educação e vigilância popular em saúde em tempos de COVID-19 – a experiência das comunidades de Niterói**, RJ. APS EM REVISTA, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 122–127, 2020. DOI: 10.14295/aps.v2i2.110. Disponível em: <https://apsemrevista.org/aps/article/view/110>. Acesso em: 5 mar. 2024.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1, 2018.

MIGNOLO, Walter. (2008). **Desobediência epistêmica**: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade. N 34

PINHEIRO, Barbara Carine S. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023

QUIJANO, Aníbal. "Colonialidad y Modernidad-racionalidad". In: BONILLO, Heraclio (comp.). Los conquistados. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992, pp. 437-449. Tradução de Wanderson flor do nascimento.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: Lugar de Fala**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Mauad, 1988.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor**: uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis: Vozes, 2023.